



Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do
Espiritismo do Estado do Paraná

Site: www.adepr.org.br - Redação: adepr@adepr.org.br
“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.”- Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXIX Curitiba - Maio / Junho de 2026 Nº 175
Assine e Recomende!

Outras matérias

As três classes de pessoas infelizes, segundo Buda

Sidarta Gautama, o Buda, viveu no século VI a.C. Para ele, há três tipos de pessoas infelizes: “os que não sabem e não perguntam, os que sabem e não ensinam e os que ensinam e não fazem”. Na seção **Trocando em Miúdos**, página 6, vamos analisar mais em profundidade a conclusão do sábio oriental.

Visões e xenoglossia

Duas curiosas faculdades mediúnicas. Ou seriam anímicas? Com a palavra sobre elas Albert De Rochas, James R. Lewis, Arthur Conan Doyle, François Brune, William Fletcher Barret, Allan Kardec André Luiz, Hermínio C. de Miranda, Gabriel Delanne e Ian Stevenson. (**Conexões e Reflexões de A a Z**, pág. 7).

E se fosse verdade

Esse é o título do filme recomendado por nós nesta edição. Protagonizado por Mark Ruffalo e Reese Witherspoon, produção do ano de 2005, disponível na *Netflix* e no *YouTube*, conta a história da paixão entre uma pessoa encarnada e um espírito. Mas possui um ingrediente especial a mais. Confira! (**DicaFilmes**, pág. 8).

Mais um filme espírita no cinema

Estreia exclusivamente nos cinemas neste dia 21 de maio a mais recente produção da Estação Luz Filmes, “Sexo e Destino”, fruto de uma parceria com New Cine e TV, FEB Cinema e Liberty Pictures.

A trama é baseada no livro homônimo do espírito de André Luiz e psicografada por Chico Xavier e Waldo Vieira no ano de 1963 e centra sua narrativa nos conflitos morais e espirituais de duas famílias no Rio de Janeiro, envolvendo paixões, culpas e os efeitos da lei de causa e efeito que repercutem por gerações.

As ações de irresponsabilidade na conduta dos personagens culminam em graves processos obsessivos exigindo as retomadas nos caminhos do perdão e redenção.

“Sexo e Destino” tem direção de Márcio Trigo e conta no elenco com Carol Macedo no papel de Marita, Letícia Augustin como Marina e Bruno Gissoni interpretando Gilberto. Completam o elenco Antonio Fragoço, Tato Gabus Mendes, Laura Proença e outros.

Entrevistada pelo programa

de TV *Diálogo Espírita* da ADE-PR, a diretora do órgão da Federação Espírita Brasileira, FEB-Cinema, Mayara Paz, falou mais sobre o filme.

Perguntada sobre o diferencial deste filme em relação a outros antecedentes como *Nosso Lar*, por exemplo, disse que o objetivo é o debate de valores, de questões atuais para a sociedade..., trazendo para os dias de hoje temas ligados à obsessão, ao perdão, aos vícios. A pessoa não vai sair da mesma forma que entrou (no cinema). Segundo Mayara, os temas impactantes, além de manter a fidelidade doutrinária, foram adaptados para um formato leve e equilibrado, tornando acessível a toda família.

Ao responder sobre um possível papel educativo do filme ao narrar as complexas relações entre duas famílias e suas consequências espirituais, Mayara mencionou a relevância de se tratar de questões sexuais que podem ser levadas, inclusive, para estudos nos centros espíritas



Olhando no espelho

O ato de se olhar no espelho toda amanhã contém a intenção de avaliar a aparência, melhorar se possível. É a busca de motivação para enfrentar a rotina ou um desafio novo. Nem sempre vemos o que gostaríamos. Necessário, talvez, ignorar a palidez, os sinais de cansaço, as rugas.

Mas e quanto ao reflexo da alma? Vê-la e entendê-la. Pode não ser uma ação tão subjetiva como parece à primeira vista, sem trocadilhos. Interrogar com honestidade. Humilde para admitir os defeitos. Ser um juiz imparcial sem severidade excessiva. (**Editorial**, pág. 2).

Médiuns e suas mediunidades

Em futura oportunidade trataremos especificamente do tema mediunidade, seus tipos, ocorrências e, também, de seus protagonistas mais célebres. Contudo, nesta e nas próximas edições vamos nos ater em referenciar justamente os agentes intermediários entre as duas dimensões da vida.

Desfilarão diante de nossos olhos Carmélia ou Sra. B, padre Miguel, os Irmãos Davenport, Rubens Faria Júnior, Roberto Setti, Daniel Dunglas Home, Florence Cook, Peixotinho, D. Santinha, Sra. Piper, Hudson Tuttle, Stainton Moses, Eusábia Paladino. (**Palavra dos Espíritos e dos espíritas**, pág. 04 & 05).



Olhando no espelho

A principal – nós diríamos a pior - mentira é a que contamos a nós mesmos, disse o filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Uma proposta séria de avaliação pessoal visando a reforma íntima necessariamente tem que fixar suas bases em algumas qualidades que, inclusive, serão listadas mais abaixo. São elas: honestidade, justiça, humildade e, talvez uma boa dose de paciência.

Estamos querendo dizer que para sairmos da teoria para a prática na reformulação profunda de nosso ser, precisamos, em primeiro lugar, conhecer o próprio comportamento. E valendo-se para isso da honestidade para não cometer o autoengano, isto é, mentir para nós mesmos, seja exagerando as qualidades, seja escamoteando os defeitos.

A humildade complementa a postura do olhar pragmático para dentro de nós, buscando unicamente a verdade, o real e não o ideal, aquilo que gostaríamos de ser. A paciência é parte integrante porque precisamos de tempo de observação. Não é da noite para o dia que faremos esta introspecção investigativa. Para cada uma das qualidades e da mesma forma em relação às deficiências, temos que parar e meditar profundamente, analisando não só a conduta de um dia, mas da vida toda. E pode ser que já aí encontremos motivos de satisfação por progressos efetuados ou desconfortos diante de deteriorações em um ou mais aspectos.

Por fim, também não devemos ser implacáveis como um juiz severo e insensível. Não precisamos nos julgar o ser mais desgraçado da face da Terra só porque apresentamos alguns aspectos negativos de caráter, temperamento ou desenvolvimento intelectual. Afinal, estamos aqui justamente para aprender e progredir. Caso contrário já estaríamos habitando regiões mais felizes, superiores na escala dos mundos, ao do nosso planeta de expiações e provas.

Cada virtude e defeito da lista deve receber uma nota que vai de zero a dez. Quanto mais alta nas qualidades, melhor e, inversamente, quanto mais alta nos defeitos, pior. Feitas as avaliações para cada item, podemos fazer o somatório e obter uma nota final para os dois casos, apontando com clareza e objetividade - apesar da avaliação ser algo totalmente subjetiva – em que estágio nos encontramos.

Entre as qualidades colocamos a inteligência. Obviamente, é a única virtude de ordem não mortal, exatamente por representar o intelecto. Bom lembrar que a evolução espiritual ocorre nestas duas áreas. Inteligência também é uma aquisição pessoal e não um dom divino. Trazemos do pretérito a bagagem conquistada, mas a cada encarnação podemos aprimorá-la. O intelecto pode ser desenvolvido pelo estudo, pela postura analítica dos fatos que nos cercam, o aprendizado do modo correto de pensar, pelo esforço do raciocínio e o exercício da memória, pela imersão cultural, pelo cultivo das artes.

Esta avaliação deve ser repetida periodicamente, mas com boa separa-

ção no tempo. Entendemos como razoável, no mínimo três anos e máximo de cinco, podendo cada uma, ao longo da vida, ser comparada sempre com todas as anteriores. Imagine-se alguém comparando suas notas na idade dos 60 anos ou mais com uma realizada na sua juventude.

As virtudes listadas aqui podem receber acréscimos; da mesma forma, os defeitos. Vamos a ambas as relações.

Virtudes: honestidade, perseverança, força de vontade, senso de justiça, inteligência, dedicação, renúncia, bondade, caridade, solidariedade, fé, calma, atenciosidade, generosidade, gentileza, humildade, sinceridade, gratidão, amorosidade, carinho, coragem, paciência, ponderação, prudência.

Note-se que algumas delas são próximas, mas não exatamente a mesma coisa. Na dúvida, consulte-se um dicionário.

Defeitos: egoísmo, mentira, apego, teimosia, grosseria, inveja, ciúme, mágoa, desânimo/preguiça, hipocrisia/falsidade, arrogância/soberba, avareza, vulgaridade, insolência, fofoca/intriga, rancor/ressentimento.

E, então, está pronto para começar?

Você sabia? - I

O Auto de Fé de Barcelona ocorreu em 09 de outubro de 1861, ocasião em que 300 obras espíritas foram incineradas por ordem de um bispo católico. Porém, no ano em que foi lançado, “O Livro dos Espíritos” recebeu tratamento diferente.

Segundo Germano Romero, na revista “Tribuna Espírita”, nº 180, julho-agosto/2014, o abade Leçanu, encarregado pelo Santo Ofício na França para analisar obras literárias a serem publicadas, teria escrito que: “Esta obra possui o indispensável para conduzir qualquer alma ao reino de Deus. Publique-se!”.

Marcel Souto Maior, no livro “Kardec, a biografia”, escreveu que no ato do “Auto de Fé”, Lagier, um certo capitão da marinha, prometeu e passou a trazer livros de Marselha para a Espanha. E a revista “Harmonia”, nº 159, informou que Maurice Lachâtre, escritor e editor, dono de uma livraria, foi o comprador dos livros queimados no Auto de Fé de Barcelona.

A relação dos livros destruídos e a descrição do Auto foram publicadas na “Revista Espírita”, na edição de novembro de 1861. Na mesma edição, conforme o jornal “Macaé Espírita”, setembro-outubro/1996, o Codificador publicou uma comunicação do espírito de Saint Dominique que afirmou que “... nós que inspiramos o ‘Auto de fé’ porque assim o quisemos. Em “Obras Póstumas”, aparece a mesma declaração.

Cabe a seguinte pergunta: foi um fato bom ou nocivo a queima dos livros? O bispo intransigente que ordenou a execução, culpado ou não? Os bons espíritos inspiraram-no?

Na mesma “Revista Espírita”, de agosto/1862, o editor transcreveu um trecho de uma comunicação espontânea do bispo autor do “Auto de Barcelona”, em 09/07/1862, na qual, segundo Kardec, ele demonstrava superioridade porque admitiu o erro e pediu preces.

Assinatura anual do jornal: R\$ 30,00.

Depósito Banco do Brasil

Agência 2823-1 conta corrente 205.755-7

CNPJ: 01.470.216.0001-83.

Informações pelo e-mail: adepr@adepr.org.br



ADE - PR

EXPEDIENTE

Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Editor
Wilson Czerski

Jornalista Responsável
Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador
Aparecido José Orlando

Endereço para Correspondência
**Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6
Boqueirão - Curitiba - PR
81670-080**

Tiragem desta Edição
600 exemplares

Impressão
Folha de Londrina

Maio-junho de 2016, edição 115 do CAE. A chamada de capa teve um título bem sugestivo: “Todos somos escritores”. Na história do espírito, cada reencarnação, uma vida. Juntas, ao longo dos milênios, talvez uma enciclopédia. Cada livro constituído por capítulos, divididos em páginas, parágrafos, sentenças e palavras correspondendo aos dias, horas, minutos e momentos.

E mais à frente, as perguntas: *Qual é a história que estamos escrevendo? Somos donos do enredo ou ele que nos domina? Quando chegarmos ao epílogo deste volume, nosso personagem será mais herói ou vilão do que no início? Deixará um legado de exemplos construtivos ou borrões de equívocos? Em suas linhas e entrelinhas mostrará as belezas de uma alma em elevação ou os entulhos da baixeza moral e das ilusões materiais?*

Uma das três frases que fecharam o texto foi esta: *Cada artista do viver que promova a autocrítica.*

O **Editorial**, coincidentemente, esteve em sintonia com a matéria de capa, mas agora não mais em sentido figurado, mas literal, ao mencionar a data de 23 de abril, Dia Internacional do Livro e o dia 18 do mesmo mês, especial para os espíritas, marco de lançamento de “O Livro dos Espíritos”.

Grandes nomes da literatura espírita como Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Boziano e Yvone Pereira foram intercalados com três frases impactantes sobre o livro provenientes, uma de Platão, outra do argentino Jorge Luis Borges e a última do Mario Quintana.

Do filósofo grego, discípulo de Sócrates, citamos: *O livro é um mestre que fala, mas não responde.* Com o escritor portenho nos enriquecemos ao ouvi-lo dizer que *Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de livraria.* Desencarnado há 40 anos, hoje ele deve estar frequentando alguma livraria cuja existência no outro plano da vida ele tão bem intuiu.

Já o poeta gaúcho encerrou o **Editorial** com o seguinte raciocínio: *Livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.* Então, uma pergunta final na forma de exercício mental e não constante do texto de dez anos atrás: *Você já parou para pensar e mensurar quanto os livros espíritas mudaram você? E dessas mudanças, se é que as teve, quanto você empregou para mudar o mundo?*

E agora, que tal uma lembrança não de dez, mas de vinte anos atrás? No nosso **Autorretrato** da edição que estamos rememorando, a memória retorna mais uma década e destacamos dois boxes. No primeiro: *Chico Xavier, quatro anos após a desencarnação; a política em 2006 e o voto dos espíritas; o “novo espiritismo”, segundo a revista “Época”.*

Do segundo box trouxe o seguinte: *O espírito que permaneceu 200 anos no local do crime; cartas psicografadas nos tribunais; a série de TV com médiuns reais a serviço da polícia; as implicações da Física nas exposições espíritas.*

Seguindo adiante revivendo um pouco do que foi a nossa edição de dez anos atrás, na página 4 encontramos a seção **Traços Biográficos** que resumiu rapidamente os feitos do francês Eugène Auguste Albert De Rochas d’Aiglun, nascido a 20 de maio de 1837 e desencarnado em 02 de setembro de 1914. Reproduzimos, também, o box desta página: *Fez experiências de materializações de espíritos como as de Eusápia Paladino. Fotografou os ‘duplos’ e realizou regressões de memória e progressões no tempo relatadas em “As vidas sucessivas”.*

Na página 5, seção **Perguntas & Respostas**, as duas questões propostas foram as seguintes: *se os animais não têm consciência do que fazem como os homens, por que eles têm que sofrer, ficar doentes?* A outra inqui-

ria se os espíritas condenam a eutanásia de animais quando estes estejam muito doentes e não têm mais cura.

Quem desejar saber as respostas a estas perguntas, pode consultar a edição 115 deste jornal no nosso *site* www.adepr.org.br.

Ainda na página 5, tivemos o **Você Sabia?** Abordou-se sobre Transcomunicação Instrumental, as materializações produzidas pelo médium Peixotinho e, ainda, as do médium polonês Franek Kluski, pseudônimo do poeta Teofil Modrzejewski.

Em **Lentes Especiais**, na página 6, nosso editor assinou o artigo “As reencarnações compulsórias”. Tratou, por exemplo, de antecipações e adiamentos da morte e enfatizou que nos casos de vidas abreviadas *muitos acidentes poderiam ser evitados. Dirigir e matar ou morrer a 150 quilômetros por hora não é fatalidade nem destino, mas homicídio ou suicídio.*

Nas páginas finais, artigos de Carlos Augusto de São José e Orson Peter Carrara na 7, e na 8, de Gezsler Carlos West.

Você sabia? - II

O verdadeiro nome de Katie King, o espírito que se materializava através da mediunidade de Florence Cook, era Annie Owen Morgan. Quando encarnada foi filha de Henry O. M., pirata famoso protegido de Charles II e feito governador da Jamaica. Conforme notícia da “Folha Espírita”, fevereiro/1996, o espírito dele também comunicou-se com o pseudônimo de John King, tendo se manifestado pela primeira vez em 1850 aos irmãos Davenport.

Segundo matéria do jornal “O Imortal”, janeiro/2007, Katie materializou-se pela primeira vez em 22/04/1872 quando Florence Cook tinha 16 anos, mas com o pesquisador William Crookes só mais tarde. Em 25/04/1873 o Sr. Harrison assistiu e ouviu o espírito e a médium conversarem. Só mais tarde é que as materializações só passaram a ocorrer com a médium adormecida.

Por sua vez na revista eletrônica “O Consolador”, nº 410, 19/04/2015, Eurípides Kühl escreveu que Kate King, nas experiências com Crookes, teria ficado até duas horas materializada, conversando, e ele teria auscultado seu coração que batia em ritmo menor que o de Florence; também ela mesma cortou mechas de cabelo, pedaços do vestido e do véu e distribuiu aos presentes e deixou-se fotografar com os buracos no vestido.

Voltando ao texto da “Folha Espírita”, a médium e Katie foram vistas e fotografadas juntas (uma das sessões foi em 12/03/1874). Em certa sessão, Crookes foi autorizado a abraçá-la.

James R. Lewis, no livro “Vida após a morte”, informa que William Crookes tirou 64 fotos de Katie King (uma delas com a médium). Depois Florence teria sido apanhada fraudando e ficou a dúvida sobre o resto.

O pesquisador Volckman, em certa ocasião, agarrou uma das mãos de Katie King e prendeu-a pelo braço. A forma perdeu os pés e mãos e desprendeceu-se; a médium depois disso adoeceu, isso em dezembro de 1873.

Do jornal “O Imortal”, outubro/2004, mais uma informação, esta presente na obra “O Fenômeno Espírita”, de Gabriel Delanne, relatando o término da parceria: “Katie inclinou-se sobre a médium e disse: “Desperta, Florence; desperta! É preciso que eu te deixe”. Florence acordou em lágrimas e suplicou a Katie para que ficasse por algum tempo, mas a materialização informou que sua missão estava cumprida.

Nesta edição e nas próximas traremos ao conhecimento do leitor do CAE dezenas de informações referentes a médiuns e suas mediunidades no mundo todo. Mais uma vez pedimos escusas por não ordenar de modo algum todo este material resultante de décadas de coletas, principalmente, em livros e periódicos espíritas. Entendemos que seria pouco relevante e dispendioso em termos de tempo tentar estabelecer esta ou aquela ordem.

O objetivo é fornecer ao nosso leitor a possibilidade de acessar nomes, fatos, datas e circunstâncias de ocorrências impactantes ou apenas curiosas a respeito das faculdades mediúnicas ao longo da História. E nada mais.

Começamos com a seguinte informação. Dentre os dez principais médiuns que colaboraram com Allan Kardec para a elaboração de “O Livro dos Espíritos” uma era brasileira. Segundo Canuto de Abreu trata-se de Carmélia ou Sra. B, jovem que vivia em Paris e teria contribuído, mais frequentemente, nas questões envolvendo a família e a moral.

Agora, que tal estas? A extinta revista “Nova Visão”, edição de abril de 1998, trouxe ampla reportagem sobre a mediunidade do padre Miguel Martins, de Sobradinho-DF. A faculdade começou a se manifestar através de pressentimentos e visões. Depois ocorria que ele, durante as missas, ficava mediunizado pelo espírito do Frei Fabiano de Cristo. Investigado pela Igreja, esteve em um “tribunal”, inclusive com bispos que o chamaram de charlatão e macumbeiro.

Padre Miguel descobriu no Rio de Janeiro a sepultura do Frei, tirou um osso de lá e ficou com dúvida sobre a autenticidade. Levantou à noite para a sessão e o Frei estava na sala com a mão no queixo olhando para o osso, dizendo: “é meu”. O Frei teria dito certa vez que as pessoas que manifestavam sintomas da AIDS e hansenianos teriam sido “soldados romanos e fizeram outras coisas perversas”.

Para o padre não há céu e inferno, mas sim colônias espirituais. Também afirmou que Pedro não foi papa (que seria outra invenção da Igreja Católica). Na edição seguinte da revista, padre Miguel disse que para curar, usava as mãos e água e já havia tido contato com Chico Xavier em 1983.

Voltemos ao século XIX. O “Jornal Espírita”, agosto/1991, deu notícias dos Irmãos Davenport. Eram três, Ira Erastes (nascido em 17/09/1839), William Henry (01/02/1841) e uma irmã. Em 1846, Ira manifestou a faculdade de psicografia e levitação (nove pés acima do solo). Depois o outro e a irmã também. Um lápis escreveu sozinho de dia.

Arthur Conan Doyle assim se expressou a respeito das faculdades dos Davenport: “a leitura das listadas engenhosas maneiras de controle que eram propostas sem que pudesse haver interferência, mostra que é quase impossível convencer os cépticos opináticos”. Em 1857, por exemplo, em Harvard, propunham testes e todos aceitavam ser amarrados com 150 metros de corda. No final, eles eram desamarrados e a corda surgia no pescoço do professor que ficara no gabinete. Os médiuns eram agredidos, feridos nas amarras.

Não se discute aqui a aprovação ou não do exercício de certos tipos de mediunidade. Por isso, vale apresentar um resumo das faculdades de um médium brasileiro que, tal como Arigó, nas décadas de 1950 e 1960, quase 30 anos depois,

afirmava “incorporar” o espírito do Dr. Fritz, um médico alemão morto na I Guerra Mundial. Aliás, como esse é um nome bastante comum, aventou-se a hipótese de que neste caso como também de um terceiro médium, Edson Queiroz, pudesse se tratar de espíritos homônimos.

Seu nome era Rubens Faria Júnior. Em entrevista ao programa televisivo “De frente com Gabi”, em 15/03/1998 e com duração de 45 minutos, fez as seguintes revelações. O Dr. Fritz nasceu em 1874, em Gdansk, hoje cidade polonesa, mas à época pertencente ao Reino da Prússia, e morreu em agosto de 1914, na Guerra.

Sobre o trabalho de curas, frequentemente com o uso de instrumentos cortantes, a dupla já teria atendido cerca de 460.000 pessoas, porém, na revista *Veja* nº 1.524, de 03/12/1997, consta que seriam 13.000. Daquele número inicial, Rubens disse que de 130.000 a 140.000 foram curadas.

Contou que passara a trabalhar com assiduidade a partir de 1980 e em 1983 realizou a primeira cirurgia, de catarata, com gilete, quando foi convidado para “O Culto do Evangelho” na casa de certa família. Em uma destas cirurgias, a paciente foi a sua própria mãe que se submeteu a uma intervenção cardíaca.

Sobre a sua contundente mediunidade, pesquisas foram realizadas na Suíça, França, Itália e outros países. Na Suíça foram detectados íons de sódio na área da cirurgia o que faz diminuir ou eliminar a dor. Em outra pesquisa as ondas cerebrais do paciente ficaram iguais às dele (ou do Dr. Fritz).

Rubens trabalhava profissionalmente como qualquer outra pessoa. Havia vendido uma fábrica e tinha um escritório de prestação de serviço na qual atuava no período da manhã. Mas admitiu que recebia pelas consultas que, segundo ele disse, todo o valor arrecadado ia para a Fundação e que vivia “com dificuldade”.

Ele tinha uma filha adotada aos 11 dias. Certa vez ela ficou doente, ele pediu e uma “luz surgiu no quarto e colocou a mão sobre o tórax da criança e recebeu a ordem para ele ajudar pessoas”. Já o espírito-médico, conforme sua própria declaração, atuava no Brasil pela muita fé do povo.

Rubens disse que nunca acontecera de se preparar para as atividades mediúnicas e Fritz não aparecer. O alemão só vinha com oração e concentração. O horário de atendimento que ocupava de 10 a 11 horas por dia, fazia-o perder de dois a três quilos.

Os pacientes não podiam deixar de ir ao médico e era feito com eles



MARIA ANA DE BRITO VALIM

Fonoaudióloga e Psicopedagoga
CRF 9353/PR

+55 41 9.9976-4833

maria_anavalim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, 4214, conj. 203
80250-210 - Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação
Disfagia: Parkinson, ELA, TCE (neurológicos)
Linguagem: Adulto nas afasias e demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central (PAC)
Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia
Avaliação e Terapia Psicopedagógica
Orientação Institucional e Familiar
Atendimento Particular no Consultório

o acompanhamento por três meses. Havia curado uma menina com Aids, trocando sangue com ela em 1993 ou 1994 e após cinco exames estava sem o HIV. Outra revelação de Fritz foi a de que Rubens Faria, Arigó, Queiroz e outros trabalharam com ele na Guerra.

Rubens Farias Jr. Atendeu diversas pessoas famosas, entre as quais, o ex-presidente João Batista Figueiredo, o carnavalesco Joãozinho Trinta, o treinador de futebol Telê Santana, a cantora Alcione e o filólogo e ex-ministro da Cultura Antônio Houaiss. Sobre o ator Christopher Reeve que ficara paralisado após uma queda de cavalo, o médium disse que ele havia estado lá, mas não houvera a cura pela pouca fé dele, apesar dos progressos.

Rubens Farias não escapou às intrigas familiares e acusações desde curandeirismo até sonegação de impostos. Foi condenado a pagar uma indenização por uma cirurgia mal-sucedida.

Não há notícias mais recentes sobre as atividades de Rubens Farias. Há dez anos passou a apresentar-se como neuropsicólogo formado em Boston, Estados Unidos e escrevia um livro com a sua versão dos fatos.

Vamos passar a referências de outros médiuns mundo afora. Na “Revista Internacional de Espiritismo”, edição novembro/1997, encontramos que o médium italiano Roberto Setti era protagonista de fenômenos de levitação, aportes e materializações.

Na mesma matéria um caso envolvendo Daniel Dunglas Home. Em uma sessão, seu espírito narra um episódio em Florença em que ele fora salvo de uma punhalada pela chave do quarto da pensão. Essa chave que tinha dez centímetros, fora enterrada com ele e, então, nessa ocasião, transportou-a para o local.

Florence Cook, aos 15 anos, já era médium de efeitos físicos (levitação, objetos voadores) e psicografia especular. E logo passou a servir de intermediária de fenômenos de materialização do espírito de Kate King.

Francisco Peixoto Lins nasceu no Ceará, foi oficial do Exército. Depois, no Rio de Janeiro e em Campos. Perdia dois quilos por sessão de materialização. Outra médium chegou a perder cinco. Dentre os espíritos manifestantes estavam Scheilla que se manifestava com sotaque alemão, seu irmão Rodolfo e o Dr. Fritz, identificado como seu pai.

Não se sabe se era o mesmo Fritz das atividades de cura ocorridas com Arigó e outros como vimos linhas acima. Mas as materializações não eram os únicos fenômenos observados. Surgiam luzes coloridas, pedras perfumadas em tamanhos e formatos diversos, vozes e escritas diretas, flores, letreiros luminosos, luvas de parafina, escrita especular e curas.

A revista “Visão Espírita”, do mês de junho de 1998, publicou uma ampla reportagem sobre a mediunidade de Hildete Andrade Sampaio, mais conhecida como D. Santinha e que apareceu no programa *Globo Repórter* de 23/04/1998. Ela possuía as faculdades de psicografia especular, psicofonia, clarividência, vidência, premonição.

Certo mel medicamentoso foi levado para exames espectrográficos na Universidade da Califórnia pelo Dr. John Short. Antes, a inglesa Elsie Dubugras fê-lo em São Paulo com amostra atestada por apicultor e saiu na revista “Planeta” e na *Bandeirante*, no programa 3ª Visão, apresentado por Luiz Antonio Gasparetto.

A mediunidade de D. Santinha foi estudada por americanos e

alemães. Foi visitada por russos e italianos para informar o Vaticano. Certa vez escreveu em aramaico.

Da obra “No Invisível”, de Léon Denis, extraímos as seguintes informações. O pesquisador Richard Hodgson (1855-1905) estudou a Sra. Piper para desmascará-la. Acabou convencido. Ele pesquisou durante 12 anos mais de 120 manifestantes diferentes.

Já James Hervey Hyslop (1854-1920) fez 205 perguntas aos espíritos através de Piper: 152 exatas, 16 não e 37 não confirmadas. O psicólogo falou com o pai, o tio, primos e dois irmãos. Confirmou todas as características. Mesmo as respostas erradas serviram de prova, pois ele as sabia, então se se tratasse de uma transmissão telepática, a médium as teria acertado.

O médium Hudson Tuttle, de Cleveland, tinha 18 anos de idade, era lavrador, não possuía instrução ou educação, não tinha acesso a bibliotecas, mas escreveu noites consecutivas o “Arcanos de la Nature”. Não tinha biblioteca.

Sobre a médium Sra. D., Denis afirma que ela era uma pessoa sem instrução e tímida e teria que ser extraordinária atriz para receber dezenas de espíritos ao longo de sete anos de sessões e representá-los tão perfeitamente (voz, inflexões, sinais faciais). Às vezes, apresentava-se o mesmo comunicante depois de longa data. De onde tantas personalidades? Só da médium?

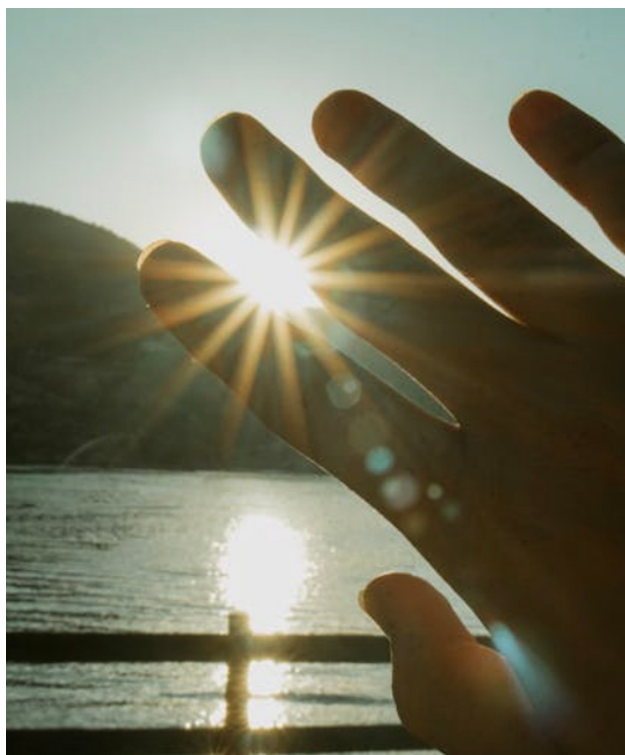
Sobre Stainton Moses, Denis informa que ele lia grego enquanto psicografava. Certa vez, Moses foi obrigado pelo professor Newbold a se retratar sobre a permanência de antigos vícios nos desencarnados; ele o fez, mas depois os espíritos de Imperator, Rector, Doctor e Prudeus que o ajudaram a escrever “Ensinos Espiritualistas”, acabaram com as contradições.

Entretanto, naturalmente, nem todos os resultados das pesquisas daqueles tempos eram positivas. Richard Hodgson antes de investigar a mediunidade da Sra. Piper, descobriu “o embuste” da Sra. Blavatski e algumas fraudes inconscientes de Eusábia Paladino.

O “Jornal Espírita”, de abril de 1991, citou outros médiuns como Rudi Schneider, médium austríaco (1908-1957) que produzia materializações, telecinesia (movimento de objetos) e, foi estudado por Albert Von Scherenck Notzing. Já o polonês Jean Guzik (1876-1928) participou de 80 sessões controladas de materialização; mais de 50 na Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos. Foi estudado por Charles Richet, Camille Flammarion, Rene Sudre, Geley, Oliver Lodge, Osty. Outro conterrâneo seu, Stêphan Ossowiecki, em Varsóvia (1877-1940), apresentava o dom da clarividência, telecinesia, telepatia e desdobramento.

Agora um pouquinho de Kardec. Na *Revue Spirite*, fevereiro/1862, o Codificador e editor da revista menciona Apolônio de Tiana, que na Grécia, curava pelo toque, cegos, mudos, fazia predições, tinha vidência, tudo isso apesar da sua condição de pagão. Em uma de suas vidências ele previu o assassinato do imperador Domiciano.

Em outra edição, a de outubro do mesmo ano, Kardec complementa as informações sobre Apolônio de Tiana, acrescentando a telepatia, uma suposta capacidade de exorcismo e a ubiquidade às faculdades do filósofo que nasceu em 2 a.C. e viveu 96 anos. Consta de suas notícias biográficas que possuía ideias imortalistas e espiritualistas.





Sidarta Gautama foi um grande sábio. Então, se ele disse algo, este algo deve ser merecedor de nossa atenção. Vejamos, pois, o que ele nos ensina, aliás, tratando justamente disto, saber e ensinar. **Existem três classes de pessoas que são infelizes: a que não sabe e não pergunta, a que sabe e não ensina e a que ensina e não faz.** Vamos por partes.

Em primeiro lugar ele considera a ignorância como um motivo de infelicidade. E, de fato, é. Tanto se estivermos nos referindo à educação formal ou, mais precisamente, à instrução, como em relação à educação propriamente dita, ao menos, segundo o conceito espírita que contempla, além dos conhecimentos ligados à vida material, aqueles relacionados ao ser humano integral.

Allan Kardec expressou muito claramente esta situação ao afirmar que a verdadeira educação deve ser abrangente e incluir não só o desenvolvimento intelectual, mas, também, o físico e o moral. Não basta o que aprendemos pelos livros. Há necessidade de se criar bons hábitos diários para fazer homens e mulheres de bem. O indivíduo contribuirá muito pouco com a sociedade se tudo o que ele pode oferecer se limita à aplicação na vida terrena.

Claro que a inteligência empregada ao cumprimento de uma bem-sucedida carreira profissional, por exemplo, é de grande valia e evidencia inquestionavelmente uma virtude. Porém, este sucesso, como em outras esferas da vida material, será sempre incompleto e passageiro se não estiver acompanhado por sentimentos nobres e lisura de caráter.

Entretanto, Buda não menospreza nem condena o ignorante, talvez por compreender que nem sempre isso ocorre por negligência do indivíduo. Muitas vezes foi por falta de oportunidade, de recursos financeiros e outras mais que todos sabemos. O que o sábio hindu critica é quando o indivíduo não sabe e não procura saber, contenta-se e acomoda-se com a sua ignorância.

Como dizemos, às vezes, ele não sabe, não quer saber e até pode sentir despeito ou inveja daquele que sabe. Esta pessoa não pode e não merece progredir porque não faz o mínimo esforço para mudar a sua situação. Deixa-se controlar, manipular por aquele que sabe um pouco mais do que ele.

Estamos diante daquele que vive na dependência de ser conduzido, incapaz de tomar as próprias decisões e, por isso, dispõe de pouca liberdade de ação. Os outros são os que decidem a sua vida, senão direta e explicitamente, mas, na prática.

Vive em seu mundinho, não quer ser incomodado, não gosta de desafios. Pensa pouco, escravo da rotina, horizontes estreitos. Nem sempre é uma pessoa más. Pode ser humilde, afável, de bom coração, porém, espiritualmente falando, chega à nova encarnação sem entusiasmo, pouco realiza e sai dela quase do mesmo tamanho de quando entrou.

E aí chegamos à segunda classe, a que sabe e não ensina. Poderíamos chamar de egoístas intelectuais. Contentam-se em guardar para si aquilo que aprenderam. Talvez constituam um segmento relativamente pequeno. Trazendo a análise para o meio espírita, encontramos vários destes que por desinteresse ou até falsa modéstia estudam apenas para aproveitamento próprio.

Não podemos condená-los. Aliás, nem a eles nem a ninguém, o que inclui os nossos irmãos infelizes citados no início. Seja qual for o motivo que mova estes ou aqueles, temos que lhes respeitar o livre-arbítrio. Entretanto, não podemos deixar de lamentar o comportamento de ambos.

Não dividir com os outros aquilo que já aprendeu não parece uma postura adequada. Recordamos aqui das questões propostas em “O Livro dos Espíritos” em relação à vida em sociedade, entendendo-se que o isolamento não é recomendável porque todos necessitamos do convívio de uns com os outros para trocar experiências e desenvolver aptidões como tolerância, solidariedade e cooperação.

Falando somente em termos religiosos ou, concedamos, de espiritualidade, somos todos gratos aos grandes filósofos e monges da Antiguidade que, às vezes, na penumbra de suas celas ou em contato direto com a natureza, desenvolveram o conhecimento na área do espírito, da vida, de Deus e do universo.

De algum modo, muito disso chegou até nós e usufruímos deste conhecimento acumulativo e temos o dever, de quem tem não o privilégio porque este não existe nas leis de Deus, mas a oportunidade de dar continuidade aos passos daqueles precursores. Cada um tem uma missão diferente e os intelectuais do passado merecem o nosso respeito e admiração.

Nem por isso, nós, homens e mulheres de hoje, com a facilidade existente para a disseminação do conhecimento, podemos nos contentar em estudar e aprender só para si. No Movimento Espírita precisamos de toda mão de obra possível para divulgar o conhecimento que a Doutrina Espírita já nos proporcionou alcançar, levando ao limite das nossas condições estas informações aos que ainda desconhecem o assunto e estão privados do consolo e iluminamento que ele oferece.

Mas para Buda o pior ainda está por vir que é aquele que ensina e não pratica. É o famoso “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Ou seja, o indivíduo sabe, não importa em que área ou com que profundidade, mas sabe algo e se propõe a transmitir, frequentemente, exigir dos outros, mas não exemplifica.

Se podemos ser mais compreensivos no comportamento dos grupos anteriores, parece que para este há pouco espaço para o exercício da condescendência. Acima de tudo estamos tratando com pessoas habituadas à hipocrisia. Mais uma vez não podemos deixar de mencionar a existência deste tipo de problema em nosso meio.

Apontar o dedo na direção do companheiro de tarefa ou mesmo um frequentador comum é muito fácil. Mostrar autoridade e cobrar correção absoluta ou mesmo em uma determinada situação particular parece não custar esforço algum.

Porém, quantas vezes estes sepulcros caiados não são desmascarados? E novamente nos defrontamos com o cisco no olho alheio e o poste não percebido no nosso. Falamos muito sobre Jesus e sua moral. Sobre a necessidade de seguir-lhe as lições para o que citamos empolgados os evangelhos, especialmente a Obra Básica correspondente, mas ao surgimento do primeiro atrito ou do primeiro desliz de alguém, toda a nossa teoria vai para o espaço.

Por ser mais grave a situação faltosa, as circunstâncias e o peso que isso representa do ponto de vista da coletividade, uma vez mais, sem julgamentos individualizados, mas, com certeza, essa é a mais reprovável das três citações contidas no aforismo de Buda. E, portanto, o indivíduo que ensina e age de modo contrário, é também o mais infeliz dos três.

Para Buda o pior ainda está por vir, aquele que ensina e não pratica. É o “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. O indivíduo sabe algo e se propõe a transmitir, mas não exemplifica.

Chegamos às letras “V” e “X” e **VISÕES** é o nosso primeiro tópico. Veremos um apanhado de curiosidades envolvendo esta faculdade especial de ver seres encarnados e desencarnados, cenários os mais diferentes, acontecimentos do presente, do passado e até do futuro.

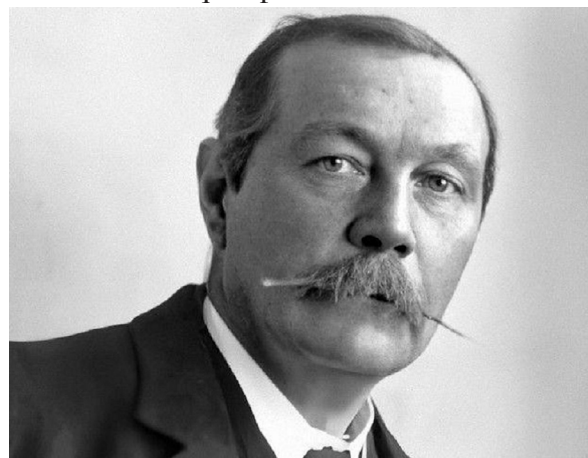
No livro “As vidas sucessivas”, Albert De Rochas teoriza que moças na puberdade exteriorizam seu “duplo” espontaneamente; os veem vagos e algo luminosos; por influências religiosas, imaginam ser a Virgem e plasmam sua forma.

No livro “Vida após a morte”, de James R. Lewis, uma pesquisa revelou que as chamadas visões no leito de morte não estavam condicionadas a fatores como condições médicas, influências culturais, estresse, desejo de pós-vida e medo da morte.

Gabriel Delanne, em seu “O Fenômeno Espírita”, narra que o Sr Boston viu, ao meio-dia, uma irmã falecida há nove anos. Além de detalhes do vestuário, etc viu um arranhado no rosto. Ao contar à mãe, esta desmaiou porque fora ela que, acidentalmente, fizera tal marca na falecida, escondendo com pó.

Informações colhidas do programa *Ultra Science* de 10/10/1999, do canal *Discovery*. Portanto, é a ciência falando. Um cidadão ouviu vozes e teve visões. A ciência explica que é porque ele recebeu uma forte descarga elétrica na vida. O que os investigadores não explicam é por que os calçados dos familiares assumem repetidamente uma disposição especial de alinhamento dentro da casa sem que ninguém dos moradores execute essa tarefa.

No livro “História do Espiritismo”, Arthur Conan Doyle, à página 440, conta o episódio da aparição do espírito de um militar que afasta os alemães; foi visto por muitos soldados. Na página seguinte, o espírito de outro militar indica o local no chão sob o qual os alemães haviam instalado combustível com uma bomba-relógio. Em outro caso, um vidente viu uma fila de soldados com os nomes e locais de onde vieram. E, também, o caso da fotografia de uma solenidade em que apareceram “duas ou três dúzias” de cabeças de soldados.



Arthur Conan Doyle narra casos de vidência nos campos de batalha

Mais um: três militares tiveram a mesma visão de cavaleiros marchando ao lado deles num bosque.

No livro “Os mortos nos falam”, François Brune, menciona o cronovisor para ver cenas do passado. Um padre obteve cenas de certa peça de teatro de 169 a.C.; batalhas infundáveis em 1915 com espíritos e sua mãe; a psicométrica, e a telepatia parecem sofrer a influência das condições atmosféricas. Em uma fortaleza em Veneza, muita

gente vê certo desfile de exército. Outra batalha de 11/09/1587 e um “ataque” em 27/11/1795 na Silesia e repetido mais duas vezes.

E no livro “Morte, Renascimento, Evolução: Uma biologia Transcendental”, Hernani Guimarães Andrade cita o livro “Visões no leito de morte”, de William Fletcher Barret publicado em 1926. Crianças viam anjos sem asas, contrariando estereótipos religiosos.

XENOGLOSSIA

Vejamos agora algumas informações interessantes sobre esta curiosa capacidade de escrever ou falar em um idioma desconhecido.

Encontramos uma referência na *Revue Spirite*, março/1860: quando o espírito comunicante é estrangeiro, transmite primeiro o pensamento ao espírito familiar e este ao médium. Foi o que explicou o espírito de uma surd-muda (Indermuhle), alemã, e que respondeu em francês. “O pensamento não tem língua. Comunico ao guia do médium que traduz para a língua que lhe é familiar”.



Hermínio C. Miranda e a xenoglossia

Em 1863, Allan Kardec publica “O Livro dos Médiuns”. No item 223, 16ª pergunta, o Codificador solicita um esclarecimento aos Instrutores sobre espíritos que escrevem em idiomas que o médium desconhece. E eles o fazem notar que nem todos os médiuns são aptos a esse gênero de exercício e que os Espíritos só acidentalmente utilizam-se deste recurso para alguma finalidade especial. Para as comunicações usuais e extensas, preferem usar uma língua familiar ao médium com a qual eles têm menos dificuldades materiais a vencer.

Na questão seguinte, Kardec insiste indagando se a aptidão de certos médiuns para escrever numa língua estranha não seria decorrente do fato dele a ter conhecido em outra existência, guardando dela a intuição. E como resposta obtém que isso pode se dar, mas não é regra. Com algum esforço a resistência material pode ser vencida, do mesmo modo que o médium escreve na sua língua palavras que não conhece.

A esse respeito, o Instrutor Áulus, em “Domínios da Mediunidade”, manifesta-se algo contraditoriamente ao afirmar que a xenoglossia só é possível se o idioma estiver arquivado no médium. A mesma informação está em “Entre a terra e o céu”.

Por sua vez, Hermínio C. de Miranda, em “Condomínio Espiritual” diferencia a xenoglossia anímica da mediúnica. Diz ele que, às vezes, a comunicação pode contar com o suporte da bagagem do médium que está no seu inconsciente porque o indivíduo já conheceu aquele idioma, mas em outras ocasiões é só do comunicante espiritual. O difícil, nestes casos, é comprovar que ambos não conhecem, pois só regressões a todas as vidas do médium levaria a isso.

No livro “A Memória e o tempo”, Hermínio de Miranda chama de vidência xenótica a faculdade de ver palavras em línguas diferentes.

Agora passemos a alguns casos para ilustrar esta faculdade. Laura, filha do juiz Edmonds, membro da Suprema Corte de Justiça de Nova York, conhecia só inglês, mas falava nove ou dez línguas com segurança e facilidade.

A famosa médium D’Esperance recebia mensagens em latim e alemão. A mãe de Gabriel Delanne escrevia com as duas mãos em línguas desconhecidas e o violonista Florizel von Renter recebeu uma mensagem em 15 línguas.

No livro “Revisão do Cristianismo”, Herculano Pires menciona o Reverendo Harold Nilson descrevendo uma sessão espírita que teve xenoglossia. O Bispo que o acompanhava declarou que só naquele momento compreendeu a realidade e o significado das línguas de fogo do Pentecostes.

Para concluir, no “Anuário Espírita”, 2014, pág. 155, após a publicação de um caso (Jensen) no livro “Xenoglossia” de Ian Stevenson, em 1974, em 2012 a *Nova Consciência* publicou “Xenoglossia - novos estudos científicos”, com os casos Gretchen e Sharada, na Índia. Diz ter recebido enxurrada de relatos, mas os documentados são raros.

No dia 19 de março despediu-se do plano terrestres e de todos nós **Nancy Westphalen Corrêa**, aos 95 anos de idade. Em seu comunicado, a Federação Espírita do Paraná frisou que “Nancy deixa um legado de quase um século de dedicação ininterrupta à Doutrina Espírita, tendo sua trajetória fundida à própria história do Movimento Espírita paranaense!”.

O prefeito de Curitiba, Eduardo Pimentel, decretou luto oficial de três dias a partir do dia 20, justificando pela atuação de Nancy como professora da Universidade Federal do Paraná por quase 30 anos, tendo, ainda, ocupado o cargo de diretora da Biblioteca Pública do Paraná entre 1968 e 1971.



Nancy era presidente de honra da Aliança Francesa de Curitiba e foi a primeira diretora-administrativa do Centro Espírita Abibe Isfer.

Ligada a um nome de rua em Curitiba, a Desembargador Westphalen, o deputado Emgydio Westphalen era parente de seu bisavô materno.

Segundo Pimentel, ela “foi um exemplo para todos nós de uma vida de profundo amor e trabalho por Curitiba. Uma pessoa

querida que deixa muitas saudades”.

O ex-prefeito de Curitiba Rafael Greca também se manifestou longamente em suas redes sociais para enaltecer o nome de Nancy Westphalen. “Deixou este plano terrestre, ontem, o elevado espírito de nossa querida irmã na fé cristã, Nancy Westphalen Corrêa (1930–2026), notável descendente do probo desembargador Westphalen”, começou Greca o seu registro.

Em sua manifestação o ex-prefeito lembrou que Nancy era natural da Lapa e veio para Curitiba aos três de idade. Greca e sua falecida esposa, Margarita, tinham grande amizade pessoal com ela que “emanava bênçãos e bons fluidos com seu largo sorriso”.

Outra informação que poucos conhecem e que Rafael Greca relatou em sua nota foi sobre o nascimento dos Faróis do Saber e da Inovação em Curitiba. A ideia foi de Nancy, segundo o ex-prefeito. Ela o teria aconselhado a “fazer uma rede de bibliotecas de bairro, todas informatizadas, com cinco mil livros cada uma, dez computadores e espaços *maker* (MIT)”.

D. Nancy como a chamávamos foi Associada-Efetiva da Associação de Divulgadores do Espiritismo praticamente até desencarnar e isto desde os primeiros tempos da ADE-PR. À época, a ADE-PR realizava duas Feiras do Livro Espírita por ano, ao lado do edifício onde ela residia, na Praça Osório.

Circulando por ali, muitas vezes a caminho do Centro Abib Isfer, ela passava na nossa barraca, olhava os livros, conversava com todos e os incentivava a prosseguir com alegria e entusiasmo na nobre tarefa de colocar ao alcance do público leigo o conhecimento espírita através dos livros, jornais, mensagens volantes e CDs.

Separamo-nos de uma grande amiga que a partir de agora passa a seguir outras trilhas iluminadas naturalmente pela luz de seu trabalho como cidadã e espírita.

No mesmo dia 19 de março desencarnou **Maurício Roberto Silva**, ex-presidente da Federação Espírita do Paraná, aos 73 anos de idade. Seu nascimento foi a 09/01/1953. Durante a sua gestão à frente da FEP, em 17 de junho de 1993, Maurício endereçou uma carta à pessoa deste Editor com o seguinte teor:

Temos a satisfação de vir à presença do prezado Companheiro para cumprimentá-lo pelo trabalho que vem veiculando em jornal local, e que, de maneira desinteressada, tem sabido semear a mensagem espírita. Renovamos nossos votos de profícuo trabalho jornalístico-espírita...”

Maurício referia-se aos artigos que publicamos dominicalmente de abril de 1991 a dezembro de 1993 no jornal *Gazeta do Povo*. Bem antes disso, ele assinou a sua Proposta de Sócio da ADE-PR em 22 de setembro de 1999, a qual mantemos em arquivo.

Ao espírito do Maurício, nossa gratidão por ter privado de sua amizade, pelo carinho com que sempre nos tratou e a nossa oração envolvida no mais genuíno sentimento de bem-estar e progresso na dimensão para a qual acaba de retornar.



DicaFilmes

O filme que recomendamos desta vez é “E se fosse verdade”, disponível na *Netflix* e no *YouTube*. Classificado como ‘comédia’, ‘fantasia’ e ‘romance’, é uma produção do ano de 2005, tem direção de Mark Waters em destaque no elenco Mark Ruffalo e Reese Witherspoon.

O arquiteto David Abbott, personagem de Mark Ruffalo, enfrenta no novo seu novo endereço em São Francisco a solidão e tristeza pela perda da esposa. Mas é surpreendido pelo aparecimento de uma outra moradora que tenta primeiro expulsá-lo, depois uma convivência pouco amistosa e, por fim, sua ajuda.

A jovem médica aparece e desaparece como em um passe de mágica. Lendo alguns livros emprestados e seguindo algumas dicas de um rapaz com supostos dons mediúnicos, David passa a suspeitar da verdade. Porém, inesperadamente, ela passa a correr perigo no hospital e ele tem que correr contra o tempo para salvá-la.

Talvez mais inesperada, ainda, é a surpresa do final. O que parecia não ser possível, transforma-se em outra realidade.

